



A Revista UFG reuniu em uma mesa-redonda cinco estudiosos da questão urbana para discutir as cidades planejadas. Participaram das discussões os arquitetos Dirceu Trindade (professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás) e Tânia Daher (arquiteta da Secretaria de Planejamento Municipal), a socióloga Genilda d'Arc Bernardes (professora do Mestrado em Sociologia da UFG), o historiador e professor Nasr Chaul (editor-adjunto para este número) e Wolney Unes. O grupo reuniu-se numa manhã de janeiro no Câmpus da UFG, para a discussão, cujos trechos mais importantes seguem transcritos.

CIDADES PLANEJADAS

Desenho e planejamento

Chaul: De início podemos começar com a visão que cada um tem de Goiânia, um olhar histórico, o que cada um pesquisou, por exemplo, sobre a óptica dos arquitetos e dos urbanistas, das comparações dos projetos europeus aplicados no sertão de Goiás.

Dirceu: Acho que já se viu muita coisa de Goiânia, e é muito interessante porque não sou goiano, tenho 20 anos de Goiânia, cheguei aqui em 1988. Vim para fazer um trabalho e depois ir embora, ia ficar aqui entre seis meses e um ano, acabei ficando. Envolvi-me com comércio, depois fui levado para a Universidade Católica e fiquei até hoje. É uma cidade que admiro demais, gosto muito de Goiânia, mas acho que há uma deficiência grave, me parece que as pessoas não conhecem Goiânia direito, não se apropriam corretamente da cidade.

Quando cheguei a Goiânia, fui morar no Setor Sul, na Rua III, numa casa gostosa, muita boa, lote fechado. Moramos durante três anos e a tranquilidade que Goiânia tinha naquele tempo, se distinguia do Centro, na Araguaia e na Tocantins. A gente ficava no ponto de ônibus e nem precisava estender o braço para o ônibus parar, que passava todo dia naquele mesmo horário certinho, era uma maravilha, funcionava muito bem, nem precisava ter carro. É claro que a cidade era menor, em termos de população nem cresceu tanto, mas em termos de automóveis quase triplicou. O mais grave de Goiânia hoje é a mobilidade da cidade, eu vejo isso como um problema seriíssimo. Não podemos ser contra os automóveis, só poderíamos ser contra os automóveis nas cidades alternativas.

Mas falando das cidades planejadas, sobre essa questão cometemos um engano sobre o que seria planejado. Vejo cidades como Goiânia, Brasília e Palmas como cidades desenhadas. Planejamento é outra coisa, não é algo que se senta para desenhar e, pronto, acabou. Planejamento é uma coisa que você faz ao longo do acontecimento, e a cidade é um acontecimento continuado. A capacidade do planejamento é ir ajustando e fazendo as correções de que a cidade precisa, diferente de plano. Goiânia tem um desenho muito bom, tem um plano com deficiências, e a partir daí o planejamento é espasmódico. Talvez por isso eu sinta falta daquela Goiânia de 1988, em que a relação das pessoas com a cidade era maior, havia mais gente do que carro, mais árvore do que coqueiros, você tinha mais convívio com as praças, como a Praça Tamandaré, a Praça do Cruzeiro, a Avenida Goiás, muito mais do que hoje. Mas está muito longe de Goiânia ser uma cidade ruim de morar, apesar dessas perdas todas, é uma cidade que tem uma qualidade de vida enorme, e um potencial de você corrigir as deficiências da cidade e manter essa qualidade, é nisso que eu insisto, e por isso que continuo em Goiânia. Mas Goiânia precisa urgente de planejamento, para que as deficiências do desenho sejam adaptadas, na medida em que a sociedade se modifica, isso vai se transformando em novas exigências. Hoje temos um problema seriíssimo, os automóveis: a quantidade é muito grande, em dez anos a população cresceu 10% mas os automóveis cresceram 40%. Mas trata-se de algo para que não há uma solução pronta, e assim é necessário estabelecer o processo de planejamento como uma prática contínua.

Chaul: A cidade então é mais desenhada que planejada?

Tânia: A cidade perdeu a escala humana, e, ao perder a escala humana, você perde o controle da cidade, e a gente fica massacrado pela cidade. Goiânia está extrapolando a dimensão humana: os viadutos e vias largas demais. Estamos sendo sufocados por esse mau planejamento da cidade. Estão sendo aprovados prédios com trinta andares, doze apartamentos por andar! Cada prédio vai ser como uma pequena cidade.

Godói e Atílio

Chaul: Atílio Correia Lima se reconheceria hoje?

Tânia: Não, em 42 ele já havia dito que não se reconheceria, que não seria essa a cidade que planejara. Por exemplo o Setor Sul, que é um local que ninguém entende direito: ele não tem nada a ver com o projeto do Atílio, de uma cidade racional, funcional, industrial. O Setor Sul foi inspirado na cidade-jardim, que é o contrário, feita pra uma sociedade mais comunitária e para uma população diferente da que Atílio propõe.

Então até hoje o Setor Sul é um problema, tem áreas vazias em que ninguém sabe por que foram criadas.

Dirceu: O que você está dizendo reflete essa questão, o desenho do Setor Sul ser o desenho das cidades-jardim, não se integra à nossa realidade, nem à nossa sociedade. Mais que isso, ele foi um momento de desenho posterior à implantação e à ocupação. As pessoas, quando foram ocupá-lo, não tinham uma relação com o bairro conforme Godói pensara.

Wolney: O grande problema do Godói é que ele traz para Goiânia o desenho, somente. A concepção da cidade-jardim é uma coisa enorme, complexa, que envolve dados tão sofisticados quanto a posse da terra e a mobilidade urbana. Mas para o Setor Sul, Godói traz apenas o desenho, a parte mais visível da concepção, num típico caso de cópia mal feita de uma ideia.

Tânia: Só o desenho, ele não trouxe uma estrutura social e econômica de que toda cidade precisa, ele só trouxe o desenho, então ficou uma coisa vazia.

Dirceu: Pior que isso, ele trouxe um desenho que não se integra com a sociedade nem com a cidade, a sociedade cresceu em volta de uma forma diferente do que se passou no Setor Sul. Se tivesse havido uma prática de planejamento, o Setor Sul não seria do jeito que é hoje.

Wolney: O Setor Sul é tombado como traçado urbano, uma experiência, digamos assim, errada na sua concepção. Por isso não sei bem se cabe este tombamento do Setor Sul, o tombamento de uma experiência errada.

Tânia: Cabe, sim! O Setor Sul significa uma ideia errada da década de 30, de trazer da Inglaterra uma cidade e colocar aqui, mas você tem de deixar isso aí, você não pode apagar isso, para deixar como testemunho de como os urbanistas eram voltados para outro mundo. Eles trouxeram o outro mundo pra cá.

Segregação espacial

Dirceu: Fala-se muito que Goiânia é uma cidade expulsiva, ela vai nos retirando do que era o nosso itinerário, o nosso lazer, o espaço que gostamos de ocupar. Não tem favela, mas pela ótica das inversões ela cria favela, os condomínios fechados são favelas chiques, se você olhar no sentido da expulsão.

Genilda: Eu estava ouvindo vocês discutirem sobre o planejamento, e me lembrei de um livro, *Tristes trópicos*, cujo autor passa no Centro-Oeste na década de 30, passando na cidade de Goiás. O autor ficou encantado com a cidade que não tinha vida, em que as

plantas subiam pelo muro e cavalos no centro da cidade, ainda mais por ser a capital de um Estado. Quando passou por Goiânia ficou mais assustado, em ver uma cidade que estava cheia de marcas e paus e sendo construída por carro de bois, pensando que esse povo era louco, pois como poderiam construir uma cidade com uma avenida tão larga se eu passo pela capital e lá não tem dinâmica nenhuma? Goiânia vive esse paradoxo, e isso vem de novo o caso do planejamento. O espaço da cidade não estava pensado numa forma de incorporar o trabalhador que veio de fora, então já na construção da cidade temos uma forma de ocupação irregular, que cresce muito em condições precárias, e não se pensou nessa população. Vejo o planejamento com uma visão diferente: ele tem uma forma como ocorreu em Goiânia, as intervenções foram muitas, até hoje. O planejamento tem sido muito precário na intervenção da cidade, porque a relação de poder ainda é uma relação arcaica e você tem um setor imobiliário dinâmico. Então o planejamento às vezes atua, às vezes intervém, até de uma forma avançada, mas a relação de poder com o setor imobiliário e com os órgãos estatais, onde o Estado acaba fazendo vista grossa ao planejamento, essa seria a primeira questão. Uma segunda questão é que o planejamento tem de ter uma intervenção partilhada da sociedade civil, não adianta você pensar algo, imaginando que seja algo bom, mas se aquilo não vir ao encontro aos anseios da sociedade esse planejamento não é partilhado e nem percebido pela população, fazendo com que ela não lute e nem participe do planejamento. Nessa relação de poder o planejamento de esvaece, ele deixa de ter a dinâmica que deveria ter. Essa é questão básica da cidade de Goiânia, é uma cidade com muitas intervenções de planejamento de poder muito grande entre Estado e

setor imobiliário. Em outro momento em Goiânia você tem uma participação muito pequena da sociedade civil, mas o setor imobiliário está lá presente, reivindicando, atuando de forma organizada e isso interfere na efetivação do desenvolvimento. Então em Goiânia não há a favela da forma como a conhecemos, mas temos áreas bastante precárias e isso basicamente começa no próprio desenho da cidade, que segrega, não incorpora. Temos isso até hoje em Goiânia, temos inclusive um momento na década de 80 em que há invasão do Bairro Nova Esperança, organizada politicamente. Há também o Bairro Anhanguera, o Parque Oeste Industrial, então há uma crise latente. É um paradoxo muito grande o fechamento da cidade, a segregação dos condomínios, que estão fechando os espaços da cidade, sem comunicabilidade.

Tânia: Mas é positiva a área verde dos condomínios, pois se não fossem elas seriam só prédios. É a única coisa boa neles.

Genilda: Entre tirar uma área verde e ela persistir, prefiro que ela persista. Mas a população não adentra os condomínios.

Tânia: Mas, mesmo segregada, é bom que existam áreas verdes.

Genilda: Goiânia tem uma segregação que joga as pessoas para a periferia, e outra que é a criação dos condomínios. Quando os condomínios fechados chegam a uma região, eles supervalorizam aquele espaço e seu entorno, acontecendo que a população que morava ali tem o preço de seus lotes aumentado. Daí sobrevém uma ideia de efervescência, sendo expulsos para uma região deserta. Mas na questão dos condomínios eles segregam, pois estão com muros, cercando Goiânia. Inicialmente há uma situação em que muitas pessoas ainda transitam

por aquele espaço, as pessoas têm o direito, essa relação da população com a cidade é positiva quando se tem esse direito de circulação. Mas toda intervenção fechada elimina esses processos, e não são só os condomínios fechados, não, são também os shoppings e centros industriais, ou seja, a cidade vai ficando fechada.

Wolney: Em Brasília essa questão também é premente, por causa dos pilotis, que partiam da concepção de a arquitetura não interferir numa livre circulação. Mas hoje existe esse conflito e no Plano Piloto os moradores gostariam de fechar a circulação sob os edifícios, nos pilotis.

Planejamento e mercado imobiliário

Dirceu: Um grande paradoxo no contexto de Goiânia é o discurso do novo homem brasileiro, um discurso totalmente populista e inquestionável. Ainda mais que a população jamais foi um objeto prioritário do desenho da cidade, do planejamento da cidade da intervenção da cidade.

Chaul: Então é uma cidade que nasceu elitista?

Dirceu: Não, não foi. Essa coisa da poesia, fala-se muito sobre isso nas favelas de antigamente, a favela da Mangueira chamava-se assim porque se tinha uma mangueira. Só que num determinado momento na Mangueira o menino não pega mais manga no pé. E há vários planejamentos, para vários bolsos. No início do planejamento, o desenho da cidade era bom, tinha um princípio de anel verde, já naquele tempo o Atilio já pensava nessa cidade funcional. Em outro momento tivemos uma coisa ligada ao transporte público e que não foi adiante. Então tivemos o Plano Diretor de Goiânia também muito interessante e depois tivemos outro plano diretor da década de 80, e nada que estava no programa foi feito e tudo que foi feito na cidade era contraditório com o plano diretor.

No momento em que elabora o plano, ele cria todo um conceito novo, traz uma série de novidades como a cidade

contemporânea, e já não esta sendo respeitado. Então temos os planejamentos pontuais e de entendedores, nenhuma das coisas se integram num processo de planejamento, e isso é o mal. Com relação aos condomínios fechados, a população que não esta dentro do condomínio fechado está exposta a todas as desvantagens da cidade, e é aí que reside a segregação da população da cidade. E o mercado imobiliário faz parte disso, pois eles são profissionais. O mercado imobiliário que diz que é bom morar no Jardim Madri, que é muito legal, belíssima apresentação, mas é longe demais. O mesmo mercado imobiliário que diz que é legal um condomínio poderá também dizer que é legal morar na Avenida Tocantins, quando o centro da cidade tiver uma intervenção pública que valorize o centro. Aí voltam todos para o centro, pois está tudo ali perto de você. Isso está ocorrendo agora mesmo em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Wolney: O mercado imobiliário é organizado e está sempre presente no planejamento. No setor público, ao contrário, falta administração do planejamento, que ao invés de surgir de maneira forte e continuada esse setor acaba sumindo. O setor imobiliário na verdade deveria estar a reboque, propondo seus empreendimentos de acordo com a evolução do planejamento do setor público, e não ao contrário, que é o que ocorre hoje: o mercado imobiliário é o grande planejador da cidade, é quem define e orienta o crescimento, o estilo da cidade e todos os outros parâmetros de ocupação e desenho.

Genilda: Minha tese de doutorado foi sobre Goiânia em outra temática e depois os condomínios fechados. Outra questão importante é a dos governos autoritários, Getúlio Vargas. No início dos estudos sobre Goiânia, centrava-se muito na figura de Pedro Ludovico. Nacionalmente havia um projeto para a ocupação da região, Brasília, Palmas. E esse projeto é elitista. Com a vinda do Atílio Correia Lima, ele faz essa cidade funcional. Mesmo com a experiência do modernismo a gente tem a separação da cidade por zonas, sendo isso presente até hoje, que é do modernismo, que de certa forma está relacionado com essas políticas autoritárias. Atílio tinha uma visão muito ecológica, antes de construir Goiânia ele veio e fez um estudo do tipo de vegetação, do que as pessoas comiam, da cultura da cidade, justamente para pensar essa funcionalidade da cidade, o tipo de esgoto que ia ter na cidade. Então ele estava muito antenado com essa questão do modernismo e na política de Vargas havia a ideia da civilização. Goiânia tem essa coisa assim de ser criada como motor do processo civilizatório e a partir dela ela expandir para outros espaços de Goiás. O projeto da Cang em Ceres tem uma relação com Goiânia e com outras cidades e com a política de Getúlio Vargas e tem também

a perspectiva desse outro elemento de não pensar nessa população mais pobre, pois Goiânia é um polo de atração muito grande. Logo depois de Goiânia, já na década de 50, temos Brasília. Então esse fluxo migratório não para, muitos que chegaram a Brasília voltaram para Goiânia, pois Brasília não acomodava todo mundo.

Influências

Chaul: temos aqui um engenheiro, um sociólogo, um historiador e arquitetos: até que ponto Goiânia teria sido influenciado por Belo Horizonte e até que ponto Goiânia influenciou outras capitais? Não vejo nada de Goiânia em Brasília e nada de Goiânia em Palmas, mas já vejo muito de Palmas em Brasília.

Wolney: Mas Goiânia já provocou também suas influências: o desenhista e projetista de Boa Vista (capital de Roraima) lançou mão do desenho de Goiânia, e a cidade segue o mesmo princípio, é radial com um grande espaço vazio no centro, para onde tudo converge, o centro do poder. Quer dizer, é uma filha de Goiânia.

Genilda: Goiânia é uma primeira experimentação para Brasília, com a avenida monumental, a ideia da funcionalidade.

Tânia: Goiânia é um modelo urbanista francês do século XX e Corbusier criticava muito esses urbanistas. Ele acusava, mas mais tarde pegou muito desses urbanistas que ele criticava tanto, pegou desses urbanistas franceses. Também criticou muito as cidades-jardim, da quais diz serem uma coisa românica, ultrapassada que não tinha nada a ver com a indústria.

Genilda: Os arquitetos que trabalham com isso, trabalham de forma explícita que Goiânia tem essa coisa de monumento, de separação das zonas por funcionalidade. Então existe essa hipótese de que Goiânia foi um primeiro experimento pra Brasília.



Tânia: Foi uma cidade planejada para abrigar atividades ligadas à indústria, e foi esse espaço dos urbanistas franceses. Quando chegam os modernistas, as cidades estavam mais complexas, mas elas são um exemplo do Atílio, a economia evoluiu mais e o espaço fica mais complexo. Ao comparar Brasília com Goiânia, Brasília tem um espaço mais complexo, pois Goiânia estava num período mais primário da produção industrial. Mas é o início.

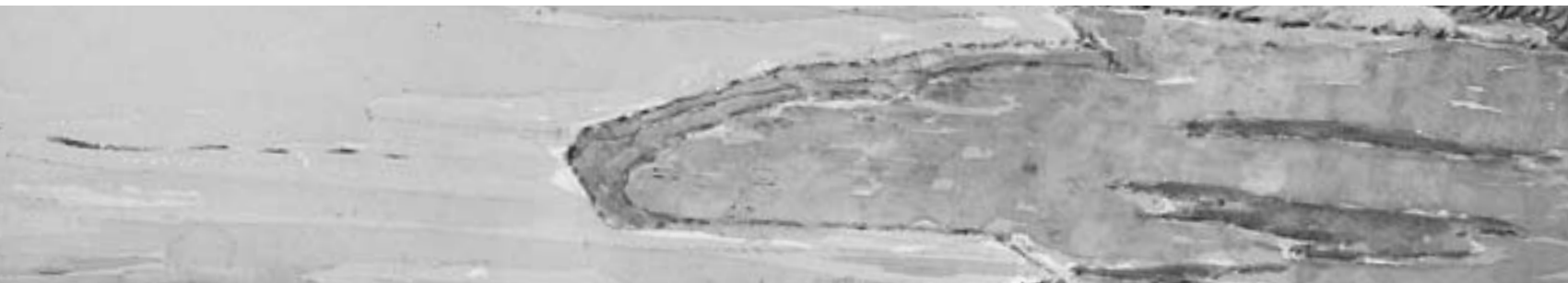
Dirceu: Mas isso é muito importante para se entender a década de 30. No mundo todo teve uma explosão enorme, com a construção de cidades. Em 100 anos no Brasil, com certeza somos formadores de cidades, cidades e capitais, uma a cada trinta anos: Goiânia em 1933, Belo Horizonte é do final do século retrasado, podemos considerar na década de 50 Brasília, e depois de trinta anos Palmas. Na realidade todas essas criações se dão sobre a marca do modernismo. Goiânia quando foi projetada, estava acontecendo uma intervenção muito grande no Rio de Janeiro, extremamente modernista, funcional e eficiente com o tema político das grandes vias. Mas em um determinado momento, Atílio, antes de ser arquiteto era paisagista, os prêmios que ele ganhou possibilitaram-no ir para a França. Ele fez o jardim do Calabouço que é um exemplo de criação de um jardim inglês. Esse conflito faz uma cidade modernista, mas impregnada de paisagem, ele resgata da cidade a arborização tanto que o desenho é extremamente conflitante.

É um conflito entre o paisagista e o urbanista, extremamente moderno. E é tão moderno que Atílio depois foi projetar a cidade industrial de Volta Redonda, que é na visão do Tony Garnier, a cidade industrial. A década de 30 é efervescente demais, o urbanismo como conhecimento é uma coisa nova.

Quem pela primeira vez falou decisivamente do urbanismo foi Agache na década de 30, a partir da experiência no Rio de Janeiro. A pouca coisa que ele conseguiu implantar continua sendo feita até hoje: a linha amarela, a linha vermelha, agora está sendo expandida a linha lilás, tudo isso está no projeto dele de 1925. A partir desse conflito todo, a presença de Goiânia e Palmas tem sim um aspecto bucólico, que lembra Brasília, só que Brasília busca ser eficiente, e é a única no mundo que é modernista, não há outra cidade que siga tão à risca a determinação que se tem lá. Palmas procura fazer um jogo de duas cores, já tem a eficiência da cidade, das vias rápidas, mas as quadras são mais eficientes que as de Brasília, que não sejam iguais.

Chaul: Oscar uma vez disse uma frase muito interessante: “você podem gostar ou detestar Brasília, mas vocês nunca viram nada igual”. E realmente não existe.

Dirceu: Você pode não gostar porque ela foi feita, ela está lá. Nem Corbusier conseguiu fazê-la assim, com toda aquela argumentação e visão toda, do chão e da grama não conseguiu fazer.



Tânia: Mas o que você acha de Brasília? Ela não tem uma dimensão humana, é um erro.

Dirceu: A dimensão humana estaria na quadra, em conviver.

Chaul: Morei em Brasília e a ideia era a de que chegava a tarde e você retomava uma tendência interiorana, descia com as cadeiras, ia conversar com os vizinhos. Só que na pratica vinham pessoas de todos os lugares, de culturas e tradições diferentes no mundo inteiro, as representações políticas, e nunca aconteceu isso. Esse espaço existe, mas virou paisagem.

Dirceu: De novo a propensão, pois quem nasceu em Brasília adora Brasília e é difícil morar em outro lugar. É uma contrapartida isso, quem viveu em Brasília não suporta outro lugar.

Arquitetura vernácula e art déco

Genilda: Voltando à questão de Goiânia, eu acho que é bastante interessante a questão do relógio. As cidades tinham um relógio na igreja e iam crescendo no entorno da igreja. Goiânia em seu projeto, com a ideia do moderno, mesmo aqui podemos ver esse deslocamento da igreja com o relógio, o relógio da modernidade que marca o tempo da cidade. Uma questão que também é interessante é o estilo art déco na cidade de Goiânia, que aqui é concentrado, com vários prédios e estruturas. Wolney poderia discutir com mais propriedade a política

desenvolvimentista do Getúlio Vargas, situando o art déco como característica da cidade de Goiânia que seria importante desenvolver.

Wolney: Já falamos um pouco aqui desse espírito, de usar as cidades para levar o processo civilizatório para a hinterlândia, implantando símbolos do poder central pelo país afora. A política de Getúlio Vargas era levar esses símbolos para todo o país: em qualquer lugar do país, bastaria olhar para a arquitetura, para um edifício, para saber que se está no Brasil, a cara do Brasil seria dada pela arquitetura. Grande exemplo disso são os projetos-tipo dos correios, que passaram a ser implantados no Brasil inteiro. O Estado estava presente por meio dessa instituição em todo o território nacional e usava dos correios, quartéis, entre outros, para levar a imagem do Estado.

Roberta Delson já havia mostrado esse tipo de planejamento, no caso de desenhos de cidade portuguesas no Brasil no século 18, e o uso da art déco retoma o mesmo espírito. Além disso, o estilo representa uma espécie de cenário no qual a vida civilizada e urbana em um modelo idealizado poderia se desenvolver, com grandes espaços, próprios para a vida do homem moderno. A ideia era moderna e Goiânia então é pensada em termos de espaços, em grande espaço cívico, com os prédios configurando esse espaço, dentro do qual os cidadãos seriam os atores.

Chaul: Então o art déco consegue expressar a modernidade pretendida pra Goiás?

Wolney: Sem dúvida. Goiânia vem como um grande elemento alienígena na arquitetura vernácula de Goiás. Há aquela célebre visita do grupo de intelectuais e artistas da cidade de Goiás que se recusava a aceitar a nova capital e fingia que não existia Goiânia. Finalmente, depois de muitos anos, deixaram dessa história e vieram todos a Goiânia, fazendo as pazes com o inexorável.

Chaul: Eles brincavam, dizendo que corria notícia que aqui dava pequi duas vezes ao ano.

A cidade e o clima

Chaul: Goiânia é também fruto de um período autoritário, e por isso tem essa tendência elitista. Ela traz um arco contemporâneo artístico, da perspectiva do novo, do sepultar a antiguidade. Mas digo que, se Goiânia é Ludovico, ela também é Caiado, fruto do processo da migração e do movimento que tivemos dentro da implementação da estrada de ferro. Ela só foi possível porque houve um processo histórico que culminou em 30, acelerando essa alternância de grupos no poder com uma mentalidade mais avançada com a autoridade mais ligada as essas questões ligadas à modernidade e ela vem a testar também uma ideia vigorosa de saneamento que era um dos pilares dessa modernidade e não é à toa que vai marcar um medico no poder.

Tânia: Quem dá essa visão da arquitetura moderna é a medicina, que exige espaços abertos, com a função de arejar melhor a cidade.

Chaul: No seu trabalho você discute a relação do clima com a cidade. Nesse clima nosso não seriam ideais aquelas cidades árabes, mais fechadas, com sombras e pequenas em espaço de circulação. A gente trouxe

medidas higiênicas lá do Rio de Janeiro, com o imóvel isolado em grandes áreas verdes e com insolação. Então não seria esse tipo de cidade árabe o ideal para cá?

Wolney: Há aquele arquiteto que diz que, para construir nos trópicos, a primeira providência é produzir sombra.

Chaul: A época em que a gente mais precisa de sombra é na seca, é a época que as árvores perdem as folhagens.

Genilda: Mas tem um erro na cidade do Atílio, ele não gosta da interação da cidade com a natureza, ele acha que a natureza tem de ser domada, um rio na cidade traz doença, é preciso fazer um tratamento caro e a geografia do terreno é muito movimentada e não é apropriado para um traçado funcional de linhas retas. Então esse modelo de cidade tira a natureza da gente, tudo bem econômico e natural, diferente da cidade jardim do Godói em que a cidade tem de ter interação com a natureza, quanto mais movimentada melhor.

Tânia: Mas se você pega a cidade do Atílio, a proposta dele era da cidade ser toda margeada por área verde. A própria ideia de os bairros serem cidades-satélite, inclusive o Setor Coimbra já nasce como setor satélite, e Campinas. O desenho verde é do Atílio e não do Godói.

Genilda: Existem características, mas não se pode dizer que há coisas em comum, lógico que vai integrar a área verde, ela faz parte do ponto de vista da higiene e existe área verde não do ponto de vista da cidade-jardim do Howard. Ela tem de partir do ponto de vista de que quanto mais movimentada fosse a geografia, mais rica seria a cidade, ele olhava muito a estética, a emoção, ela tinha de...

Tânia: Não, não, no traçado do Atílio, ele tem de desenhar um espaço para o bom funcionamento da economia ligado à produção industrial, esse é o espaço que ele cria.

Paradoxos de uma nova capital

Chaul: Os paradoxos que tanto observamos, eles começam nos arquitetos e urbanistas mesmo, não é? Quer dizer, você tem o Atilio pensando num tipo de funcionabilidade, mas não é bem assim. Um projeto arquitetônico, nas escolas, já bem estudado hoje, morre, vem o Godói repensa por um outro parâmetro, já com um porcentual grande da cidade construída, em Goiânia. Quer dizer, o paradoxo nosso de uma capital cravada no interior, um arquiteto e um urbanista de escolas diferentes, some-se a isso a questão da cidade elitista em contraste com 4 mil trabalhadores vindos de fora porque não havia mão-de-obra local, não poderia dar outra coisa...

Genilda: Falando ainda nesses paradoxos, um estudo recente mostra que essa questão do paradoxo está extremamente evidente em Goiânia. Por exemplo, se você fala do estudo de Goiânia, você vai ver que Goiânia não é uma cidade da forma mundial. Mas Goiânia, nessa hierarquia, ela tem uma hierarquia com as cidades mundiais, ela tem uma relação com essas cidades, do ponto de vista do espaço, dos condomínios, e inclusive do ponto de vista da relação econômica, com esse desenvolvimento do agronegócio em Goiás, Goiânia se relaciona diretamente com as cidades mundiais, por outro lado, hoje, quando você fala em Goiânia, você fala num espaço multicentral, em cidades integradas, e esses espaços eles têm mais ou menos autonomia. Não sei se vocês já tiveram oportunidade de andar de noite pelos bairros de Goiânia, os bairros periféricos, eles têm os barzinhos, os barzinhos estão cheios, eles têm a cultura deles. Em Goiânia você tem, por exemplo, os nordestinos, eles têm uma organização e se encontram, fazem as festas deles, extremamente organizados; há o pessoal do Tocantins, vocês podem observar, de vez em quando, passa um carro de som anunciando: “Encontro do pessoal do Tocantins, tal dia, tal lugar. Então você tem uma cidade em que, ao mesmo tempo que tem essa coisa moderna, de ponta, ela tem essa hierarquia com cidades mundiais, em que ela define o que é produzir, o que produzir, para quem produzir, e ao mesmo tempo você tem a população articulada. Fui estudar bairros goianos surgidos na década de 80, Curitiba, Papillon e Finsocial, e o que descobrimos lá? Lá tinha grupos de funk, tinha grupos de teatro, uma diversidade que você pensa que não existe nos bairros e existe. Essa população se articula, tem seus espaços próprios, suas atividades próprias, não é só essa coisa que a gente pensa que é Goiânia, teatro em tal lugar, música em tal lugar, Espaço Niemeyer. Esse paradoxo é muito interessante.

Dirceu: É interessante o viés da história, as possíveis dialéticas. Goiânia nos anos 30 é um novo, em detrimento do velho que era Goiás, nos discursos políticos, nas

oligarquias que estavam sendo depostas, uma capital moderna; art déco, em detrimento da arquitetura vernácula. E a cidade de Goiás ficou reduzida a um balneário mesmo, nenhum investimento. Com o passar do tempo, como se fosse um bairro, vai se reorganizando, se reestruturando, preservando sua cultura, preservando sua arquitetura. Isso possibilitou à cidade candidatar-se a patrimônio mundial e ganhar o título. É muito interessante essa visão que se passa a ter de que o moderno é o tradicional, essa simbiose tamanha que a nova capital foi capaz de promover: o jovem vivendo com Iphone foge aos padrões de modernidade, andando de camionete traçada com roupa de caubói, ouvindo sertanejo, a explosão da música, das dez maiores duplas sertanejas no Brasil, nove são goianas. Ao mesmo tempo há um rock de garagem fenomenal, quase que único no Brasil hoje, quer dizer as manifestações são variadíssimas. Então em uma capital que se propôs moderna, construída no interior, por exemplo, a coisa mais comum é você ver goiano empacado na escada rolante de shopping center, não sobe de jeito nenhum.

Chaul: Nota-se que Goiânia é de origem rural, a urbanidade da sociedade goiana é recente, é uma cidade que, como você está dizendo, vive correndo atrás da modernidade. Num determinado tempo a modernidade foi a escada rolante, hoje a modernidade é a internet, mas sem se afastar do natural, o chapéu de caubói e aquela coisa toda.

Wolney: A questão da urbanidade recente manifesta-se na própria estrutura da cidade. Por exemplo, em Goiânia, constrói-se, faz a rua, põe o meio-fio e acabou: nem pensamos na calçada. Vários bairros nem têm calçada, as pessoas caminham é pela rua mesmo. E assim, as pessoas não usam a calçada, que se torna então um espaço meio privado, por conta do morador, que faz nela o que quer, ocupa privadamente, com equipamentos próprios. E a rua fica por conta do carro.

Chaul: Goiânia passa por vários momentos: apareceram os edifícios de pavimentos múltiplos na década de 50, mas no início a arquitetura se revela nas unidades habitacionais, casas, com jardins em volta e o quintal. Aí a calçada era extremamente importante. Hoje, sob o ponto de vista da arquitetura, a calçada faz parte do edifício, não como um lugar de transitar, mas como um elemento paisagístico do edifício

Na periferia a gente usa o mesmo desenho que no Setor Bueno, só a apropriação da calçada que o governo público não faz é diferente. As pessoas não a utilizam, ficam andando, caminhando pela rua, pois as praças de alimentação do shopping center, no bairro de periferia, são como as ruas, usam as praças, onde acontecem as feirinhas e as pessoas que se reúnem, ou seja, se apropriando do espaço público. E aí a calçada não se constrói,

constrói-se até o meio fio, faz-se a rede de esgoto e em alguns lugares não se faz a rede pluvial e a calçada fica com o governo, porque a calçada é do governo. Há uma interpretação errada aí, porque a calçada não é do indivíduo, ela é um espaço público, ela está inserida na rua. E aí é novamente esse paradoxo: como é que as pessoas se apropriam da cidade, você vê pouca gente andando na rua, ninguém anda a pé, diferente dos bairros de periferia.

Tânia: Em Goiânia ninguém anda a pé. Houve uma época em que comecei a andar a pé, as pessoas paravam, e me perguntavam, o que eu estava fazendo a pé, era a única pessoa que andava a pé. Veio um amigo meu de fora visitar e me perguntava onde que estavam às pessoas dessa cidade, não tinha ninguém andando a pé, não tinha ninguém.

Chaul: Mas antigamente, era estranho, não havia carro, o carro ficava na garagem e descia a pé para o centro. O lazer era a pé, você ia comprar um pastel no mercado central, você encontrava as pessoas, era o lazer. Existia um cosmos todo ali no centro, prazeroso.

Tânia: ninguém anda a pé mais, eu trabalho no centro administrativo, eu vou a pé para o centro administrativo, são só quatro quarteirões, por que não vou a pé? Fui a pé a primeira vez e nunca mais. Essa é a diferença existe entre planejamento e paisagismo, o planejamento não entra na visão do pedestre, a escala do planejamento é uma escala aérea, se esquecendo do urbanismo, sem se preocupar com o pedestre. Antigamente eu sabia do que, numa época do ano, ao sair da escola de arquitetura, tinha o cheiro de pequi, eu sentia o cheiro de manga. Perdemos a dimensão humana no sentido de odor, no sentido de ruído, você não vê passarinho, você não vê gente falando, você só vê os carros. Eu sou fiscal de obras, ando muito na periferia e lá ainda tem isso.

Organização do espaço urbano

Wolney: Outro ponto típico da parca urbanidade da cidade é o endereçamento. Tânia como fiscal de obras sabe falar bem disso: nós não temos um sistema de endereçamento único, é uma confusão. O problema começa na rua, nome de rua que a gente não sabe direito, e avança pelo sistema de quadra e lote. Atribuo isso à existência de um forte mercado de lotes: a burocracia usa o sistema de quadra e lote, por causa dos espaços vazios, principalmente na periferia, mas no centro também. O sistema tradicional de endereçamento urbano, o de rua com número, vai funcionando pelas metades.

Genilda: É mais serio ainda: eu já participei de estudo, e Goiânia é muito interessante isso. Por exemplo, os Correios têm uma divisão deles, a saúde tem outra, a Secretaria de Planejamento tem outra. Porque o que acontece quando você vai fazer pesquisa, pegar dados, esses dados não casam. Então, por exemplo, participo do grupo de pesquisa das metrópoles, financiado pelo CNPq e aí você vai estudar a metrópole de Goiânia, pegar casos e informações, e o que existe é uma desarticulação muito grande no modo como os órgãos dividem a cidade. Pois você pega os Correios é uma, você pega a Celg, é outra. Não dialogam, não se conhecem, cada um utiliza de um sistema para se localizar.

Chaul: Como essa cidade vai funcionar?

Tânia: Falta a própria ideia de cidade e de planejamento.

Dirceu: É preciso juntar o governo, a educação, a saúde e escolher qual sistema vai ser melhor. Por exemplo, o nome da minha rua pega duas quadras, é difícil saber o endereço.

Wolney: Moro num prédio do Setor Oeste, e sempre que dou meu endereço, digo rua tal, número tal, mas

parece não bastar: a pessoa sempre me pergunta qual o nome do edifício. Está bem, dou o nome do edifício, e aí em muitos casos sobrevém ainda uma terceira pergunta: qual é a quadra e o lote? Ou seja, preciso dar meu endereço, a mesma informação, de três maneiras diferentes, para uma mesma pessoa. Para possibilitar a localização do endereço, basta Rua 19, número tal e ponto final. É assim em qualquer cidade do mundo, não tem de perguntar de três maneiras diferentes, redundantes.

Tânia: Mas o número que eles colocaram agora é muito complicado, por que antigamente era par de um lado, ímpar do outro.

Wolney: Mas é muito mais difícil procurar uma edificação por nome do que por número, sair pela rua dizendo “por favor, estou procurando o edifício Dona Maria...”

Dirceu: Quando cheguei a Goiânia, eu me atrapalhei muito com isso: olha eu moro no edifício tal. Mas isso é da condição jurídica da cidade, porque eu morava na cidade de Goiás e não tinha dúvida, era a casa amarelo do lado de tal, e pronto. Mas nessa situação do entendimento da cidade, temos um problema sério, que vamos precisar solucionar, já estamos nos aproximando deste momento: já se fala muito nisso na prefeitura, usar pontos de referência na cidade, ter um banco de dados da cidade. Isso vai ser necessário.

Wolney: E a coisa não termina aí. A questão dos nomes da cidade é excludente e pouco pragmática: em frente ao meu prédio tem um edifício comercial muito grande, que se chama Business Center. Quando estou na porta de casa, sempre para alguém, um entregador, um motoqueiro, com um papel na mão perguntando pelo edifício, mas muitas vezes nem conseguem dizer o nome, porque é difícil pronunciar, daí ficam ali balbuciando, bu, bu...

Dirceu: Mas quando você tem um endereço e você diz “é de frente ao edifício Business Center”, já tem uma referência, e aqui acho importante retomar o começo dessa discussão, a relação dos indivíduos com a cidade. Acho que tudo isso que estamos falando é consequência disso, da ligação do indivíduo com a cidade. Porque um historiador não é só um conhecedor historicamente e exclusivamente daquilo de que é feita a cidade dele. É lógico que ele sabe do poste, da árvore, da esquina, o que tem dentro do domínio da cidade, mesmo um sujeito que mora em um apartamento no Setor Oeste, que é dele, ele sabe onde circula, entende que essas relações são diferentes, em vários bairros da cidade, que já não dá pra voltar àquela cidade bucólica dos 75 anos atrás quando Goiânia começou. A cidade não vai ser mais daquele jeito e as pessoas não são mais daquela forma, não há mais essa relação de vizinhança, essa relação de vizinhança

que se tentou fazer em Brasília e não deu certo, num existe mais essa possibilidade. Cada vez mais a sociedade vai se individualizando, vai se afastando

Chaul: Isso não é uma questão política, é uma questão de tempo e de tradição das pessoas, nós nos separamos, somos obrigados a nos individualizar. Eu moro em condomínio fechado, não conheço a cara dos vizinhos dos lados, não tenho convivência e, mais: eu não quero saber.

Wolney: Sim, mas, as pessoas que vivem nas grandes metrópoles querem exatamente isso, moram ali, porque são anônimas e fazem exatamente o que querem. É o grande problema da liberdade: você pode fazer o que quiser e nem ligar para os outros, mas daí perdem-se as referências, tanto entre as pessoas como com o espaço.

Genilda: É o teórico desse tipo de modernidade: as pessoas não querem se encontrar, elas querem se esconder.

Chaul: A imagem do coletivo passou a ser da desordem, passou a ser da bagunça, somos frutos do meio. Temos todos mais ou menos a mesma faixa etária aqui, morando em interior, morei em interior a vida inteira, quer dizer a minha vida era harmônica: acordava, ia pro meio da rua correr. Sabia de tudo, às vezes, se o vizinho estava com dor de cabeça.

Tânia: Mas você acha que mesmo a cidade tivesse um espaço aconchegante, a gente estaria assim mais próximos? Eu moro em um condomínio fechado aquele, mas não sei não, já estou tendo problemas de vizinhança.

Genilda: Moro em um edifício com dez famílias. Daí o que acontece, a sensação de quando a gente desce, e eles também, é de você descer no elevador vazio. É um certo incômodo encontrar alguém. Lá não existe interação nenhuma, eu não sei o nome de ninguém que mora lá, ninguém quer saber.

Chaul: Mas, veja bem, vamos pensar psicológica e sociologicamente, o mundo todo hoje ele é existente para nos individualizar.

Genilda: É exatamente isso, a economia, o consumo.

Chaul: Como se não precisasse ver ninguém, você pode inclusive trabalhar em casa.

A cidade desejada

Dirceu: Sou arquiteto, e uma pergunta boa de fazer é a seguinte: ao fazer uma cidade, que tipo de cidade a gente iria desenhar hoje? Estamos dizendo aqui que Goiânia foi desenhada modernista, o art déco marcou o cenário da cidade, mas hoje que cidade iríamos desenhar?

Tânia: Eu desenharia a cidade dos jardins. A cidade do século XXI para mim seria a cidade do jardim.

Dirceu: Não seria Dubai a resposta?

Tânia: Não, é a cidade-jardim. Vamos começar pela área alimentícia, hoje produz-se algo na Ásia e quem consome é alguém que mora na América; o mesmo tipo de alimento é produzido aqui, mas não o comemos, o alimento vai ser exportado. Na cidade-jardim não é assim: é você que produz seu alimento, então você tem um controle sobre sua qualidade. Produzimos aqui um grão, mas não o consumo aqui, ele vai para Alemanha, e lá se produzem coisas a partir desse grão, que serão exportadas, mandadas para cá de volta.

Dirceu: O que você está falando é sensacional, difícil é a sociedade ver isso como opção.

Genilda: E como iria ficar o modo de produção toyotista, onde cada parte de algo é produzida em um lugar diferente?

Tânia: Isso é um sonho apenas, ter tudo produzido aqui, mais barato, mais sadio. Essa crise é o um passo de todo o monopólio criado por uma civilização que já morreu.

Chaul: Essa é a minha grande dúvida, pois passamos o século inteiro dizendo que essa sociedade tinha de ser suficiente, racional. E o século XX acabou com esses discursos todos.

Dirceu: Gostaria de desejar uma cidade em que as pessoas pudessem conviver com a produção local. Mas sei que não podemos ter uma cidade como antigamente, não volta mais, não tem jeito. Falei de Dubai, porque se trata de uma cidade mundial, sem relação com seu território, totalmente artificial e eficiente, com um único objetivo: a eficiência, em todos os aspectos. Uma pessoa que quer esquiar, ali há a possibilidade: sem se expor, ela vai ali na esquina e tem todo o conforto e eficiência.

Tânia: Mas é uma cidade cara?

Dirceu: É uma cidade complexa. Mas, o que podemos fazer com Goiânia para que a população se sinta feliz nesta cidade? Temos de mexer no desenho da cidade ou nas suas estruturas? Falamos de edifícios de trinta pavimentos em Goiânia, parece que os arquitetos estão querendo emular Dubai, não a cidade, mas os edifícios de Dubai. Se aquilo é a maravilha, é fantástico, então vamos fazer, e é nesse sentido também que construímos viadutos, imaginando que assim a cidade vai ser moderna.

Chaul: Em 42, o cenário da cidade era art déco. De lá pra cá, multiplicaram-se os cenários e as cidades são ecléticas, temos até uma reprodução de um edifício da cidade de Goiás, as arquiteturas dos grandes edifícios de Dubai, temos tudo aqui dentro. Os arquitetos se perderam, mas é importante mantermos, como disse Tânia, o

Setor Sul, degradado. Mas hoje é apenas mais um estilo dentre essa profusão.

Tânia: O problema da cidade é escala, ela perdeu escala humana. O metrô é eficiente, pois ele enxuga o trânsito da cidade, devolvendo espaço público.

Genilda: Não temos como retornar Goiânia, temos é que trabalhar com a cidade que temos agora. Tenho uma avaliação positiva do planejamento, de sua atuação, de pensar a cidade. Mas deve ser uma intervenção interdisciplinar, não é o arquiteto apenas que deve pensar a cidade: é interdisciplinar no sentido de que é preciso o historiador, o geólogo, o sociólogo, o arquiteto, o engenheiro, porque a cidade é multidimensional. Para entendermos essa complexidade, é preciso pensar intervenções associada aos vários saberes, não tem como pensar apenas dentro de uma vertente, pois isso pode ocasionar problemas ou rupturas com outros processos.

Por isso acho que a ideia da população da cidade participar nos destinos da cidade é relevante. Podemos pensar que determinada solução será funcional, racional, mas para a população que vive naquele espaço, talvez aquilo vá até causar rupturas. Então, o planejamento tem de levar em conta as forças políticas. Deve também ser uma intervenção multidisciplinar, interdisciplinar. Terceiro, que haja uma preocupação com as demandas, com os interesses da população, porque senão nossas atuações vão ser incoerentes. O arquiteto é muito criativo, mas são necessárias outras dimensões para entender a cidade a fazer a cidade. ⚡